

## DISCURSO DO NÃO: DISCURSIVIDADES SOBRE AS COTAS PARA NEGROS NAS TEXTUALIZAÇÕES DA MÍDIA ELETRÔNICA

Claudinei Marques Santos<sup>1</sup>  
Marlon Leal Rodrigues<sup>2</sup>

**RESUMO:** A questão das cotas para negros em universidades públicas (GOMES & MUNANGA, 2006), ultimamente, vem tendo, uma certa, atenção dos meios de comunicação no Brasil (CHARAUDEAU, 2009), sobretudo, na mídia eletrônica, que através de revistas e jornais discutem a reserva de vagas para negros em universidades públicas, cujas publicações espetacularizam o acontecimento, e desencadeiam práticas discursivas que se referem à diferentes posições do sujeito. Assim, pesquisa pretende analisar as formações discursivas, que se instaura no jogo de construção de sentido no interdiscurso (PÊCHEUX, 1997) concernente à negação das cotas no jornalismo eletrônico, que desde a implantação do sistema de cotas no Brasil, essa instância midiática vem se mostrando contra a política de reserva de vagas para negros em universidades públicas, uma vez que sua participação nos ambientes sociais, se não é escassa está chegando perto desse valor. Assim, essa pesquisa busca analisar o discurso da mídia eletrônica com intuito de analisar as formações discursivas que se instauram no jogo de construção de sentido do interdiscurso (PÊCHEUX, 1997) referente à negação das cotas e as representações que se constrói em torno do negro cotista de universidades públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cotas; discurso; negros.

**ABSTRACT:** The issue of quotas for blacks in public universities (GOMES & MUNANGA, 2006) lately has had some attention from the media in Brazil (Charaudeau, 2009), especially the electronic media, which through magazines and newspapers discuss the reserve black for vacancies in universities, whose publications spetacylar the event, and trigger discursive practices that refer to the different positions of \*the subject. So research is to analyze the discursive formations that are established in the sense building game, which operates in the interdiscourse (PÊCHEUX, 1997) regarding the denial of quotas in by the electronic journalism, that since the implementation of the quota system in Brazil, this media instance has proved against waves of reservation policy for blacks in public universities since their participation in social environments if it is not scarce it is close to reaching that number. Thus, this research analyzes the discourse of electronic media aiming the discursive formations that are established in the sense building game, which operates in interdiscourse (PÊCHEUX, 1997) regarding the denial of quotas and representation that is built around the black shareholder.

**KEYWORDS:** quotas; discourse; black.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É bolsista **Capes**. E-mail claudineims2013@outlook.com.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Graduação e Pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail Marlon@uems.br.

## 1. Introdução

A “discursividade” (PECHÊUX, 2002) sobre “cotas para negros” (MUNANGA & GOMES, 2006) em universidades públicas, ainda gera polêmicas e debates “calorentos” na sociedade brasileira, sobretudo, no ambiente midiático (CHARAUDEAU, 2009), que é onde os “dizeres” (ORLANDI, 2008) circulam e produzem efeitos de sentido.

Desde o princípio do sistema de cotas no Brasil, a mídia, representada por revistas e jornais eletrônicos discursivizam ao redor da sociedade brasileira, a reserva de vagas para negros em universidades, cujas publicações espetacularizam o acontecimento, e desencadeiam práticas discursivas que se referem à diferentes posições do sujeito. Esse debate sobre as cotas no Brasil se organiza em duas formas: uma que é, por um lado, a favor e outra que é contra, isto é, um discurso do “Sim” e outro do “Não,” cujos dizeres remetem a várias “formações discursivas” (PÊCHEUX, 1997) que circulam e se confrontam em espaços sociais a produzir identidade, mas o que está em discussão no contexto das cotas no Brasil é, necessariamente, à discursividade midiática do “Não”, isto é, sentidos que são formulados em formações discursivas que tendem a manifestar uma posição contra a Política de Ações Afirmativas na sociedade brasileira.

Essas formações discursivas são incendiárias da permanente tensão, da luta pela educação superior no Brasil, já que o seu interior é marcado por regularidades (PÊCHEUX, 1999), que naturalizam um conjunto de práticas discursivas que se referem à posição do negro na sociedade brasileira, e do direito ou não deste à educação superior, por meio do sistema de cotas. Nesse sentido, o discurso contra a políticas das cotas se constrói por meio da textualização do ambiente midiático, que através do jornalismo eletrônico, faz circular na sociedade brasileira publicações referentes ao sistema cotas, cujos sentidos, não se propagam de qualquer maneira, senão com intuito de discursivizá-lo, isto é, instaurar debate, fazer circular na opacidade da língua, sentidos que são contra a reserva de vagas para negros em universidade públicas.

Em suma, essa pesquisa<sup>3</sup> pretende-se analisar as formações discursivas que se instauram no jogo de construção de sentido, que opera no interdiscurso (PÊCHEUX, 1997) referente à negação das cotas no por parte do jornalismo eletrônico, que desde a implantação do sistema de cotas no Brasil, essa instância midiática vem se mostrando contra a política de reserva de vagas para negros em universidade públicas.

Convém frisar ainda, que o jornalismo eletrônico, ao instituir um sentido, ou mais especificamente, para legitimar o seu dizer, o instaura uma discursividade, em que as formações discursivas se movimentam no interdiscurso retomando sentidos, dizeres e práticas com intuito de manter uma regularidade, uma forma de manter o poder, ou melhor, uma ideologia, que se manifesta na linguagem jornalística carregada com sentidos de exclusão social, uma vez que, quando o ambiente midiático, se põe a enunciar contra

---

<sup>3</sup>.Esse artigo refere-se a pesquisas feitas na UEMS, concernente ao sistema de cotas implementado na universidade.

o sistema de cotas não o faz apenas por fazer, mas com intuito de manter a homogeneidade da realidade, uma única forma de acesso ao ensino superior no Brasil.

Como proposta metodológica dessa pesquisa, a mesma segue da seguinte forma: primeiramente procuramos separar os enunciados significativos, que dizem respeito à discursivização das cotas no ambiente midiático, isto é, os discursos que são contra as cotas no Brasil, ou mais nitidamente, os que de certo modo, produzem “sentidos” negativos à política de reparação histórica (ORLANDI, 1999); logo depois, agrupamos e classificamos os enunciados em discursos pelos seus efeitos; e, por fim, considerando a posição de Maingueneau (1983, p.125) o qual a afirma que os enunciados são históricos, visto que são atravessados por dizeres, práticas já-ditas, que apenas são reatualizadas, por um sujeito inserido em condições de produção dada. Sendo assim, analisamos os discursos os sentidos discursivos, a partir do efeito produzido nas formações discursivas em que cada dizer está inserido.

Assim, a proposta dessa pesquisa é analisar o discurso jornalístico referente às cotas em universidades públicas para negros, considerando que, a posição social do negro no Brasil, ainda não é, e nunca foi um das melhores, pois a exclusão e a discriminação são ainda fatores negativos que atingem de forma estigmatizante os negros no país, inserindo-os à margem da sociedade. Mas, um ponto importante, é que, embora os discursos e as ideologias propagadas pelo ambiente midiático sejam para impedir que circule na sociedade brasileira sentidos de direitos aos negros de participar dos ambientes sociais, por outro lado, há diversas instituições públicas que apoiam o sistema de cotas no Brasil e combatem as desigualdades sociais e os preconceitos historicamente instituídos.

## **2. Produção de Sentido no Discurso Midiático**

Com o desenvolvimento de novas na tecnologias da informação no século XX, em pleno a “globalização”, (CAMPOS& CANAVEZES, 2007) sobretudo na área da informática, com a internet, o ambiente midiático rompe com padrões tradicionais, e passa a exercer a soberania na área da comunicação, com informações diárias, publicadas eletronicamente, e, ao mesmo tempo, com essas novas tecnologias alcança um grande número de leitores de diferentes idades, de diferentes etnias e em diferentes lugares do mundo.

Uma tipologia discursiva baseada em enunciados de opinião, cuja materialidade consegue seduzir, atingir um grande número de leitores na sociedade brasileira, e em vários lugares do mundo. Porém, esse tipo de discurso, ao enunciar, isto é, ao colocar em prática a sua posição discursiva, não o faz de qualquer maneira, sem os mecanismos de poder que se instauram na opacidade da língua (ORLANDI, 2008) fazendo com que o discurso não se seja apenas uma discurso de opinião, mas um dizer com a intenção de manipular leitores, com um discurso de verdade, cujos efeitos circulam na sociedade a produzir posições sujeitos (PÊCHUEX, 1997).

Sendo assim, o discurso midiático, é aqui, uma questão de linguagem. “A linguagem não é transparente, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se

constrói uma visão do mundo”, (CHARAUDEAUA, 2010, p.54), ou melhor, uma visão particular do mundo. Notícias que vem para denunciar as misérias e as injustiças sociais, numa leitura literal, são inofensivas, isto é, apresentam efeitos de denúncia dos espaços públicos, mas, na realidade, quando se analisa numa perspectiva discursiva, produzem efeitos perversos, visto que, podem-se perceber mecanismos de poder ocultos entre os signos linguísticos.

Ramão & Moreira (2008, p.42) argumentam que,

A imprensa, na sua vigilância diária exacerba, tornou-se um lugar de estabilização dos sentidos sobre a realidade, assim, apresenta-se como um lugar revestido pelo imaginário de potência, verdade e neutralidade, qual seja, o imaginário de porta-voz da sociedade e de fiscal do poder público. Com a tecnologia de transmissão de dados, a saber, rádio, televisão e internet, inserida disseminada no cotidiano, o discurso jornalístico passa a re-ordenar relatos de supostas verdade sobre a realidade, desambiguizando (Mariani, 1998) o mundo e os vários modos de ler, cristalizando uma tessitura de relações de poder que não se mostra como tal, mas parece como registro fiel da vida real.

Tratar dessas relações midiáticas nos estudos da linguagem é de certo modo tratar de relações de poder, (RODRIGUES, 2007), uma vez seus efeitos não são transparentes na linguagem, mas podem ser sentidos no modo pelo qual o discurso foi produzido, isto é, os seus efeitos perversos podem ser sentidos na opacidade da língua, na relação entre mídia e sua massa de leitores consumidores de informação.

Para entender essas relações midiáticas, implica penetrar na raiz do dizer, do seu discurso e analisar a sua circulação, e os mecanismos ideológicos (ORLANDI, 2008) que a atravessam para criar os efeitos de transparência, de naturalidade e de verdade no discurso. Sendo assim, os sentidos postos em funcionamento no discurso jornalístico são carregados de relações de poder, que tem como foco informar, isto é, fabricar relatos e vendê-los a qualquer custo, nem que para isso tenha de ordenar ou reordenar o dizer de modo a favorecer os seus interesses.

Essa forma de produzir sentido no discurso midiático, com intenções de manipular e influenciar consumidores que Charaudeau (2009, p. 241), chama “máquina midiática”, pois informar no discurso midiático, não constitui apenas “escrever por escrever”, ou melhor, a informação produzida nesse ambiente, vai além de um simples artigo de jornal ou de uma revista, mas de influenciar, de produzir sujeitos consumidores, que vão consumir os sentidos articulados na textualidade jornalística, e, conseqüentemente, fazê-los circular como verdadeiro.

Desse modo, num contexto onde se discute cotas para negros em universidades e concursos públicos, o discurso jornalístico marca-se presente pela forma pela qual trata o acontecimento, isto é, a maneira pela qual comenta e espetaculariza as cotas na sociedade brasileira. Embora, trate-se apenas de artigos de discursivização, no qual “comenta” as cotas, não quer dizer que não se posiciona contra ou a favor, ao contrário, desde o surgimento das cotas no Brasil, o ambiente midiático passou a polemizar contra as cotas, discursivizando-a ao redor da sociedade brasileira, e, construindo representações

discursivas do negro, sem considerar, pois, a história de exclusão social, que ainda afeta a maioria da população negra no Brasil.

### **3. Cotas na Sociedade Brasileira**

A questão das cotas não foi elaborada por mero acaso, como se fosse uma estratégia política, de governos que querem manter seus status sociais, mas uma das Ações Afirmativas, discutidas em três Conferências Mundiais, organizadas pela ONU - Organização das Nações Unidas, sobre racismo, intolerância e xenofobia na sociedade, para nações em que as desigualdades e as exclusões sociais entre brancos e negros já chegaram a níveis exorbitantes, que extrapolam o natural do homem.

E, tendo o Brasil uma das maiores populações de negros do mundo, já é, de certo modo, compressível, que implemente essas Ações Afirmativas no país, uma vez que, quando o indivíduo se encontra à margem da sociedade, excluído e marginalizado dos espaços sociais, é natural que as nações busque soluções emergenciais, de forma a combater as desigualdades que assola um determinado grupo de indivíduos, no caso, especificamente, do sistema cotas é, em referência ao negro, cuja história na sociedade brasileira foi marcada por séculos de opressão, exclusão, preconceito e marginalização social. Essas Ações Afirmativas, segundo Munanga & Gomes (2006, p.186)

constituem em políticas de combate ao racismo e à discriminação racial, mediante a promoção ativa da igualdade de oportunidade para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade.

Mesmo após séculos de preconceito, escravidão e marginalização, ainda se constata números gritantes de negros à margem dos ambientes sociais, excluídos e marginalizados, sem condições de subsistência na sociedade brasileira, isto é, sem oportunidades de galgar postos mais elevados na sociedade, o que leva o governo brasileiro a adotar medidas compensatórias que venham aumentar a representação de negros nos lugares sociais. E é nesse quadro de desigualdades, que se insere as “Ações Afirmativas”, ou melhor, o sistema de cotas, que desde 2000, vem sendo discutido na sociedade brasileira, de formas a extirpar com as desigualdades entre brancos e negros no Brasil.

Com a implementação das cotas algumas universidades públicas começaram a partir de 2004, institucionalizá-la, isto é, fazer com que o sistema cotas venha fazer parte dos vestibulares. Universidades como, por exemplo, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, Universidade Estadual de São Paulo-UNESP e Universidade Estadual de Brasília UEnB, foram as primeiras a implantar o regime das cotas no Brasil.

Entretanto, a questão das cotas em universidades públicas, desde que surgiu em 2004, ganhou proporções inimagináveis na sociedade brasileira. O que era apenas uma medida provisória, de caráter determinado, criado nos plenários estaduais tornou-se uma

lei geral, mais especificamente, o governo brasileiro em agosto de 2012, aprovou no Plenário Federal, a legalização do sistema de cotas nas universidades públicas do Brasil.

Mas, com um acréscimo: a lei que destinava 10% das vagas para negros e a indígenas foi reeditada e reatualizada, para que pudesse atender além dos negros e indígenas, os mais, economicamente, carentes, totalizando um total de 50% das vagas a reserva de vagas nas universidades públicas, o que mostra que o sistema de cotas, além de beneficiar os negros e os indígenas, vai também beneficiar as pessoas mais pobres, com baixas condições sociais.

#### **4. Pressupostos Teóricos**

Essa pesquisa sobre a “discursividade”, enquanto efeito de inscrição da língua na história (ORLANDI, 2008), isto é, a língua em movimento na produção de sentido, e por colocar em evidencia sujeito e ideologia, se insere nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa, cuja teorização do discurso está embasada em Orlandi (2008) Pêcheux (2002, 1997 e 1999).

Na perspectiva da Análise do Discurso, o “sujeito” é “marcado pela interpelação ideológica” (PÊCHEUX, 1997), que naturaliza certos sentidos e apagam outros. Assim, o sujeito sob o efeito ideológico tem plena certeza de que é a fonte do que diz, quando na realidade, retoma sentidos preexistentes, a partir de outros dizeres, filiações de sentidos historicamente formulados.

Orlandi (1996, p.69) argumenta que há dois efeitos-sujeito na linguagem: No primeiro efeito, o sujeito entendido como assujeitado pela ideologia, considera ser a fonte do que diz, quando na realidade, retoma sentidos “preexistentes”, inerente à sua posição ideológica; O segundo efeitos refere-se a uma ilusão ideológica, que perpassa o imaginário do sujeito, em que conclui nos seus pensamentos que as palavras só podem ser ditas de um modo e não de outro, mais especificamente, o sujeito esquece outras palavras que poderiam ser ditas na enunciação, de tal maneira, que tenta fechar o seu dizer, como se fosse à origem do discurso, quando, na verdade, é apenas uma ilusão ideológica.

Esse efeito-sujeito não funcionaria na linguagem sem os processos ideológicos que moldam o discurso fazendo com que uma palavra torna-se tão literal, transparente e evidente ao sujeito da enunciação, isto é, esse mecanismo ideológico ilude o sujeito, de tal forma, que a interpretação é, praticamente, dada ao sujeito e, não ao contrário, porque o sujeito não pode fazer/significar, mas é levado a dizer o que isto quer dizer. A respeito desse efeito ideológico na linguagem, Orlandi (2008, p. 22) caracteriza a ideologia “pela fiação de conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade”.

De modo mais abrangente, a ideologia é um mecanismo de naturalização dos sentidos, o que mostra que a língua não é clara, mas opaca, pois há instaurações de dizeres,

que não são do sujeito, mas de posições discursivas, que se inserem na origem do dizer. Isso, evidentemente, é determinado pelas formações discursivas que, por meio das formações ideológicas faz com uma palavra não signifique em si mesma, mas oriunda de posições que se postam na origem do discurso. De acordo Pêcheux (1997, p.160) formação discursiva é:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinado pela luta de classes, determina o que pode e deve ser dito sob a forma de arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa” conceitua formações discursivas.

Pêcheux (1997, p. 162) ainda enfatiza que essas formações discursivas “dissimulam pela transparência do sentido o sentido que nela se constitui”, isto é, as palavras mudam de sentido de acordo com as posições que se instauram no discurso.

Para finalizar essa teorização é de suma importância argumentar sobre a origem do dizer, do outro discurso, que se inscreve no discurso do outro para legitimar o sentido. Pêcheux (1997, p.160) chama esse mecanismo de inscrição do dizer de “memória discursiva”. Ela, por meio do “interdiscurso”, que é o arcabouço de todos os discursos produzidos, determina o dizer do sujeito, pois ao enunciar ele se inscreve em filiações sócio-históricas, em redes de memória, de forma a completar a sua enunciação. Segundo Pêcheux (2002, p.56), não se poderia conceituar memória discursiva:

Como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentemente históricas e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de disjunções, de deslocamento e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramento, réplicas, polêmicas e contra-discursos.

Não se pode conceituar a memória no sentido místico ou psicologista da memória individual, ou mesmo como saudades de épocas passadas, ou como se fossem armazenamentos históricos de dados, mas de fato como conjunto de práticas discursivas, que se inscrevem na memória, cujos dizeres deslocam e trafegam no espaço discursivo, para formar novos discursos e novas práticas.

## 5. Corpus da Pesquisa

Nesta próxima etapa desse trabalho proceder-se-á análise dos dados referente ao corpus do ambiente midiático, mais precisamente, jornalismo eletrônico, o discurso do Não. Uma análise alicerçada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de Linha Francesa que se pauta no linguístico e social, inscritos em práticas históricas e ideológica. Um procedimento analítico que apreende nas “práticas silenciosas de leitura “espontânea”, (PÊCHEUX, 2010c, p.51.) os efeitos de sentido nos enunciados, nas práticas discursivas, entendo por enunciado, aqui, como o já-dito, o já-aí, (PÊCHEUX 1997) na enunciação, cuja origem é sócio-histórica, isto é, só apreendido nas redes de significações historicamente formuladas, nos sentidos entrecruzados do interdiscurso.

Sendo assim, o corpus dessa pesquisa, compreendido segundo Dubois (2010, p,102) como “um conjunto de textos sobre os quais se aplicará um método definitivo” é formado, categoricamente, por discursos de revista eletrônicas que discursivizam ao redor da sociedade brasileira as cotas para negros em universidades públicas. A escolha do corpus passou por critérios metodológicos inerentes à pesquisa, já que, foi apenas discursividades do ambiente midiático, de revistas eletrônicas que publicam reportagem sobre o sistema de cotas no Brasil.

- (01) “Aprova-se uma barbaridade como aquela, o caos bate à porta, ” (Veja, 2012)
- (02) “Ele pode ser igualmente ruinoso para os negros e brancos brasileiros,” (Veja, .2007.)
- (03) “Na minha opinião, as cotas colaboram para a piora do ensino público,” (Veja, 2012)
- (04) “A lei desequilibra a competição,” (Veja, Ed.2007)
- (05) “Além de ferir a meritocracia,” (Veja, Ed.2012)
- (06) “O perigo é pôr em xeque o reconhecimento ao mérito individual”
- (07) “Fazer com que no ambiente universitário se encontrem pessoas não só de uma pluralidade de origens, mas também com talentos peculiares,” (Veja, 2012).
- (08) “Ela pune o esforço individual,” (Veja, 2007)
- (09) “Se essa lei for mais um prego no caixão das universidades federais, é importante notar que o eventual óbito terá sido caso de suicídio assistido, não assassinato,”( Veja, .2012).
- (11) “Eis o monstro que o Supremo embalou,” (blog Veja 2012)
- (12) “É menos preparado academicamente,” (Veja, 2007)
- (13) “Cria uma casta de "profissionais das cotas", (Veja, .2007)
- (14) “Na escola, havia um colega que não conseguia acompanhar o ritmo na maioria das matérias e era vítima de gozação da turma,” (Veja, 2012).
- (15) “Pode até ser muito bem aceita em empregos de segunda linha, mas, certamente, será discriminada no preenchimento de postos de trabalho mais bem pagos e com exigências curriculares impecáveis,” (Veja, . 2007)
- (16) “Dilma vai endossar um crime contra a educação e contra os pobres, (blog Veja, 2012)
- (17) “O Brasil em marcha à ré,” (blog, Veja 2012)
- (18) “Um risco para todos” (Veja, 2007)
- (20) “Estão passando o pepino,” (Blog Veja, 2012)
- (21) “Em vez de jogar a batata quente no colo das universidades, como faz o governo federal, O governo do estado assume a responsabilidade pela política pública que escolheu,” (blog Veja, 2012)
- (22) “Muitos dos internautas consideram as cotas "combustível para a discriminação,” (Estado de São Paulo, 2012)
- (23) “Cotas vão produzir desastre na educação,” ( Veja, 2012)
- (24) “Cota desrespeita inteligência,”(Veja, 2012)
- (25) “São uns desrespeitos à inteligência e à autoestima dos alunos das escolas públicas,” (Veja, 2012).
- (26) “A renda caiu,” (Veja, 2007)

## 6. Discurso do Mérito

- (04) “A lei desequilibra a competição,” (Veja, 2007)
- (05) “Além de ferir a meritocracia,” (Veja, 2012)
- (06) “O perigo é pôr em xeque o reconhecimento ao mérito individual”
- (07) “Fazer com que no ambiente universitário se encontrem pessoas não só de uma pluralidade de origens, mas também com talentos peculiares,” (blog Veja 2012)
- (08) “Ela pune o esforço individual,” (Veja, 2007)

O discurso do mérito é uma forma historicamente legitimada a significar nos ambientes sociais, sobretudo, no ensino superior, que é onde os sentidos circulam e se inscrevem na ordem do discurso, isto é, nos mecanismos de coerção que fazem com que

um dizer seja transparente, natural para quem se confronta com esse tipo de discursividade.

Nesse sentido, os enunciados acima são perpassados, em muitas vezes, pelo discurso pedagógico, que se inserem, no dizer, como autoridade máxima, quando se refere à aprendizagem, mas também, outras filiações de sentido, irrompem a complementar esse discurso dando-lhe uma certa coerência e legitimidade, como o discurso da inteligência, que se irrompe de outras de redes de sentido, para se inscrever nessa discursividade, a produzir efeitos de verdade.

O que significa, que o discurso do mérito para fazer sentido, isto é, para fazer significar na discussão das cotas, filia-se com trajetórias de dizer inscritos em redes de memória, historicamente, formulados cujos sentidos lhe autorizam a fazer circular o discurso do mérito como se fosse unigênito, transparente, quando, na realidade, é apenas um dizer produzido a partir de outros sentidos. Sendo assim, o discurso da meritocracia é susceptível de divisão, entre merecimento que representa a qualidade individual de cada um e, e outro que representa o desmerecimento, isto é, representa a forma de atingir um objetivo sem as qualidades individuais.

No contexto de discussão das cotas para negros esse tipo de discurso é o que os sujeitos se inscrevem para se referir ao sistema de cota, já que esse sistema não privilegia a questão do mérito, mas, a história de exclusão, a miserabilidade no Brasil, que é um fato indiscutível, tanta na realidade social, quando nos institutos de pesquisas. E por não privilegiar mérito dos candidatos a uma vaga na universidade pública, o sistema de cotas é, constantemente, alvo de opiniões e de comentários em torno do ambiente midiático.

Desse modo, no enunciado em (04) “A lei desequilibra a competição,” infere-se que o sujeito critica o governo por ter aprovado as cotas em plenário nacional. A unidade “competição” ainda no enunciado (04), atualiza o discurso do mérito, já que os negros não competem com outros candidatos em nível de mérito, mas, sim, em cor de pele e em condição social. O enunciado em (05) “Além de ferir a meritocracia,” através do verbo “ferir” produz um efeito de violência, como se o sistema de cotas viesse na sociedade para tirar, extinguir com a meritocracia, ao contrário, veio para completar, isto é, aumentar a representação de negros em lugares sociais, como as universidades. O enunciado em (06), é uma paráfrase do enunciado em (05), uma vez que a unidade “perigo” e o verbo “ferir” expressam sentidos de violência, destruição do mérito individual.

A sequência discursiva em (07) “talentos peculiares”, em que a formação discursiva presente nesse enunciado, atualiza um discurso de inteligência, cujo sentido expressa uma visão de que os que ingressam pelo sistema de cotas são inferiores aos que entram no sistema vagas gerais. Já no enunciado em (08), “Ela pune o esforço individual,” em que o verbo “pune” produz também um efeito de violência, de mastratos, o que evidencia uma formação discursiva que reatualiza um discurso pedagógico, a teoria tradicional de ensino, em que o aluno era punido pelos seus atos, cujo dizer se inscreve nesse enunciado.

Em síntese, essa discursividade midiática, concernente ao discurso do mérito tendo como referência o sistema cotas na sociedade brasileira, a posição sujeito jornalista, além de construir uma representação discursiva, de cunho negativo do negro cotista, formula, também uma representação do sistema de cotas, ou mais precisamente, um discurso contra a política das cotas na sociedade instaurando um dizer, em que exalta o mérito e desqualifica a reserva de vagas para negro em universidades públicas.

## 7. Discurso da Opinião

(02) “Ele pode ser igualmente ruinoso para os negros e brancos brasileiros,” (Veja, 2007)

(03) “Na minha opinião, as cotas colaboram para a piora do ensino público,” (Veja, 2012)

No discurso opinativo, a posição sujeito jornalista inserido na discussão das cotas, de certa forma, tende a se posicionar contra a reserva de vagas para negros em universidades públicas. Para isso se apropria do pronome “eu” no qual marca o seu posicionamento frente ao fato discursivo que está diante de si, o que exige, naturalmente, o seu ponto de vista sobre o dizer que está a sua frente. No entanto, por outro lado, Charaudeau (2009, p.267) ensina que a verdade de opinião:

[...] se baseia em sistemas de crenças e procura ser compartilhada pela maioria, sendo que esse compartilhamento estabelece um consenso que seria garantidor de seu valor. No interior dessa verdade, pode-se distinguir três tipos de opinião: a opinião comum, a mais ampla compartilhada, expressa mais frequentemente por enunciados de valor geral (“Não se matam inocentes”); a opinião relativa, que se discute, mas que remete a uma convicção, expressa com ajuda de enunciados modalizados (“Eu acho que é uma reação justa”); a opinião coletiva, que emite um julgamento sobre os outros encerrando-os numa categoria que os essencializa (“Os americanos são dominadores).

Dessa forma, o enunciado em (02), “Ele pode ser igualmente ruinoso para os negros e brancos brasileiros,” ao comentar esse discurso o sujeito enuncia numa posição contra o sistema de cotas para negros no Brasil. Percebe-se nesse enunciado, a partir da partícula modalizadora, “Pode ser“ (KOCK, 2000) que o sujeito desse enunciado, não tem certeza do seu dizer, e enuncia a partir do que “acha” e “pensa” que é verdade. Mais adiante, encontra-se a unidade “ruinoso” que produz efeito de sentido de “prejuízo,” isto é, que o sistema de cotas é prejudicial à sociedade.

De maneira geral, o sujeito na posição jornalista tenta passar um sentido aos seus leitores, negros, brancos, pardos, isto é, toda sociedade brasileira que o sistema de cotas é prejudicial à educação, e que pode dividir a sociedade em brancos e negros. Veja que esse discurso midiático silencia as desigualdades de acesso ao ensino superior, como a exclusão e a miserabilidade da população negra no país, que é um fato já elucidado pelos institutos de pesquisas no Brasil.

Em (03) “Na minha opinião, as cotas colaboram para a piora do ensino público”. Esse discurso principia com a expressão, “Na minha opinião”, que significa, discursivamente, “em meu pensar”, “eu acho”, no qual o sujeito jornalista evoca em sua sequência discursiva o verbo “colabora”, que produz um efeito no discurso, de que o

ensino público sendo fraco, torna-se ainda mais fraco, com o implementação do sistema cotas na sociedade brasileira, ou seja, duplica-se o grau de fracasso dos alunos ingressantes pelo sistema de cotas no Brasil.

Mais adiante, a unidade “piora do ensino público”, a posição sujeito assume o discurso pedagógico e enuncia a partir da óptica desse discurso, mostrando o seu posicionamento frente ao sistema de cotas. Um posicionamento em que enuncia na opacidade do dizer, de que as cotas ao invés de melhor o ensino nas universidades, só aumenta o nível de fragilidade e da qualidade do ensino.

Tal como vimos no discurso do mérito, em que a posição sujeito é favor da meritocracia e contra o sistema de cotas, e por colocar em referência esses dois sistemas no discurso, põe-se, na base do discurso, a negar um dizer, e afirmar um outro dizer, com sentidos negativos. E o discurso de opinião não é diferente do discurso do mérito, uma vez que a posição sujeito, através da partícula pronominal “eu” e do verbo “achar”, cria um discurso opinativo para se referir ao sistema de cotas e ao negro, mas, não de qualquer jeito, e, sim, demonstrando a sua contrariedade as cotas na sociedade brasileira.

## 8. Discurso do fracasso

(12) “É menos preparado academicamente,” (*Veja*, 2012)

(*Veja*, 2007)(13) “Cria uma casta de “profissionais das cotas”, (*Veja*, 2007)

(14) “Na escola, havia um colega que não conseguia acompanhar o ritmo na maioria das matérias e era vítima de gozação da turma,” (*Veja*, 2012)

(15) “Pode até ser muito bem aceita em empregos de segunda linha, mas, certamente, será discriminada no preenchimento de postos de trabalho mais bem pagos e com exigências curriculares impecáveis,” (*Veja*, 2007)

O discurso do fracasso são formas de enunciados que criam identidades, a partir do “movimento na história” (ORLANDI, 2008), isto é, da relação enunciativa que os sujeitos possuem com as condições de produção do discurso, o que significa que o discurso do fracasso não é dito termo-a-termo, de qualquer maneira, se não se referisse, especificamente, à posição histórica e desigual do negro no Brasil. Um contexto em que os direitos sociais eram negados, mas que com as cotas, tais direitos passam a ser discutidos e implementados, o que surge posições sujeitos pertencentes ao discurso jornalístico, que enuncia contra a esse sistema de reserva de vagas, ressignificando identidades e fazendo circular no Brasil, dizeres que produzem efeitos de verdade.

Essas discussões, naturalmente, refere-se àqueles que entram pelo sistema de cotas, em especial, os negros, que é, praticamente, o que povoou o Brasil, e é também, um dos grupos étnicos mais excluídos dos ambientes sociais (GOMES, 2010). Assim, o enunciado em (12) “É menos preparado academicamente,” A Revista *Veja* por meio do discurso da inteligência faz uma representação do negro como se fosse inferior aos outros acadêmicos da universidade.

Já no enunciado em (13) “Cria uma casta de “profissionais das cotas”, a identidade do negro continua sendo tecida no ambiente midiático, sobretudo, quando ele conclui o

ensino superior”. Isso pode ser compreendido com a unidade “profissional” ainda no enunciado em (13), que é, discursivamente, uma reatualização do discurso do trabalho, ou seja, um tipo de formação adquirida ao longo de um período. Quando a unidade “cotas” e “profissional” se juntam na linearidade do discurso, produzem efeitos negativos, pois se referem à formação do negro cotista no ensino superior.

Evidencia-se, portanto, que a posição sujeito jornalista coloca em questão o tipo de formação, que esses cotistas tiveram ao longo do curso, já que ingressam na universidade, por um meio que não leva em conta o mérito, mas a cor de pele, e a condição social, isto é, o sistema de cotas. O que se pode inferir nesse discurso midiático, e que a posição sujeito jornalista pondera que, o negro cotista, conluente do ensino superior, que entrou pelas cotas, teve uma formação acadêmica duvidosa, já que ingressou por um meio duvidoso, que é a reserva de vagas em universidades públicas.

No enunciado em (15) “Pode até ser muito bem aceita em empregos de segunda linha, mas, certamente, será discriminada no preenchimento de postos de trabalho mais bem pagos e com exigências curriculares impecáveis”.

O enunciado acima, bem como os anteriores, continua a formular a identidade do negro cotista, visto que na opacidade do discurso, a posição sujeito jornalista, cujo dizer, embora se mostra transparente, não deixa de inscrever-se no discurso outro, para manter uma coerência no seu dizer. Já que estabelece relações interdiscursivas com o discurso das Teorias da Inteligência, as chamadas Teorias Poligenistas, cujo precursor é o naturalista Charles Darwin, que partia do pressuposto de que os brancos eram mais aptos a aprender que os negros, isto é, tinham como discurso de que os negros eram mais inferiores que os brancos. Tal dizer a mídia ressignifica no seu discurso e propaga em suas publicações, um dizer de inferioridade para se referir ao negro cotista, que adentra na universidade por meio das cotas.

Dessa forma, o enunciado em (15) “Pode até ser muito bem aceita em empregos de segunda linha”, implica que o graduando cotista em universidades públicas, os únicos empregos que pode conseguir, com o término do seu curso, são aqueles com pouca renumeração, os de baixas categorias sociais. A unidade “segunda linha” no enunciado em (15), produz um efeito de inferioridade, porque único emprego que pode conseguir é àquele que não tem nada haver com sua formação acadêmica.

Ainda no enunciado em (15) “mas, certamente, será discriminada no preenchimento de postos de trabalho mais bem pagos e com exigências curriculares impecáveis”, no qual operador discursivo “mas,” que Mangueneau (1987, p.123) refere-se como refutativo, porque contesta o enunciado anterior, ou seja, ao usar em sua sequência discursiva o operador “mas” o sujeito demonstra linguisticamente que não aceita o sistema de cotas na sociedade brasileira, mais adiante, encontra-se a partícula modalizadora, “certamente” (KOCK, 2000) que, além de modalizar o enunciado, isto é, onde o sujeito marca-se no discurso, mostra-se que existe um “eu” presente no dizer, que constata um fato, uma evidência, que é a inferioridade do negro cotista.

Além disso, nesse dizer encontra-se o seguinte enunciado: “discriminado no preenchimento de postos de trabalho mais bem pagos e com exigências curriculares impecáveis,” em que o sujeito assume o discurso do “preconceito” na contemporaneidade, e enuncia mostrando no “fio do discurso”, a má formação do negro cotista, quando conclui o seu curso superior, ou seja, impõe à visão ideológica de que o negro quando termina o seu curso universitário, será um profissional que, dificilmente, conseguirá um bom emprego, uma vez que será discriminada pela sua má formação universitária.

Vê-se, aí, pois, nesse dizer, uma ideologia, que faz com que o discurso seja transparente, quando, na realidade, é opaco, cheio de sentidos históricos. Um discurso em que o sujeito, na posição de jornalista, afirma que os graduandos cotistas das universidades públicas são inferiores aos que ingressam pelo sistema geral de vagas. E por isso, pela essa forma de ingresso no ensino superior, conclui a posição sujeito jornalista, que os negros cotistas não terão oportunidades no mercado de trabalho no Brasil.

## 9. Discurso da Violência

(16) “Dilma vai endossar um crime contra a educação e contra os pobres,”blog *Veja*, 2012

(27) “comete o crime técnico de comparar desempenho de negros da escola pública com o de brancos da escola privada,” (*Veja*, 2012).

A discursividade da violência é, indubitavelmente, um das questões mais comentada na mídia do Brasil e do mundo, uma vez que esse discurso, todos os dias os jornais publicam notícias que polemizam e discutem, tendo como foco essa temática. Porém quando se discute cotas para negros em ambientes sociais, como em universidades públicas, o discurso da violência cria alguns efeitos de sentido referente à essa questão. Ao invés de significar assaltos, homicídios, roubos, o significado de violência é reconfigurado, ressignificada no discurso midiático, e passa a significar cotas para acesso de negros às universidades públicas no Brasil.

Dessa forma, a unidade no enunciado em (16) “Um crime” a posição sujeito jornalista reatualiza o discurso da violência, que significa na opacidade do dizer, que governo brasileiro está sendo violento para com a sociedade ao implantar as cotas. Ainda no enunciado em (16) a unidade “contra educação” a posição jornalista está preocupado com as vagas que irão ser reservadas aos negros e aos pobres, ou seja, a posição sujeito naturaliza o discurso para que seja compreendido como violência e não como política voltada para social, para realidade brasileira.

Adiante no enunciado em (27), O verbo “comparar” pertence ao discurso científico, cuja unidade a posição sujeito jornalista se inscreve para legitimar o discurso midiático, isto é, a posição sujeito para validar o seu dizer, contra as cotas, faz circular na sociedade brasileira, um discurso em que condena a Presidenta da República, Dilma Rousseff, em comparar o desempenho dos alunos negros de escolas públicas com os da escola particular, para o ingresso à universidade. De modo específico, a mídia não aceita que os negros de escolas públicas, que ingressam na universidade pelo sistema cotas,

tenham o mesmo desempenho na universidade ou no mercado de trabalho do que os que saíram da escola particular.

Se nos enunciados acima e nos anteriores, o sistema de cotas é concebido como se fosse um inimigo do estado e da sociedade, justamente por que, busca nos seus argumentos reservar vagas em universidades públicas para negros, e por tais motivos têm sido o alvo de discussões polêmicas, em torno da sociedade, sendo, pois, representado no discurso jornalístico com sentidos negativos.

## 10. Discurso da retrospecção

(17) “O Brasil em marcha à ré”, (*Veja*, 2012).

Esse enunciado para que se entenda, é preciso que se compreenda nitidamente a sua circulação na sociedade brasileira, ou seja, os mecanismos ideológicos, (ORLANDI, 2008) que perpassam o dizer, e que estão presentes na polêmica instaurada sobre as cotas para negros na mídia.

Assim, a unidade no enunciado em (17) “em marcha à ré” é um discurso sobre as cotas. Um dizer, que a mídia reconfigura, por meio de uma formação discursiva, para se referir ao governo brasileiro, por ter implementado o sistema de cota na sociedade. Essa unidade produz um efeito de sentido no discurso de anti-progresso, de prejuízo ao povo brasileiro, isto é, com a implementação do sistema de cotas no país, o sujeito na posição de jornalista, instaura um sentido de que o sistema de cotas, apenas faz o Brasil andar para trás, já que ao invés de os melhores das escolas públicas e privadas ingressarem na universidade, os piores, (os cotistas) são os que ingressam, o que evidentemente, faz o país não progredir, se desenvolver economicamente.

Para a posição sujeito jornalista, os únicos que podem mudar o país são aqueles que ingressam na universidade por meio do mérito individual e, não os que ingressam através da reserva de vagas, que é o caminho fácil, onde o indivíduo não se dedica. Mas também, a “unidade “em marcha à ré” no enunciado em (17), produz um efeito de sentido de “inferioridade,” porque, quando o sujeito insere no plano intradiscursivo o enunciado “em marcha à ré” acarreta que culpabiliza os negros pelo anti-progresso do Brasil.

## 11. Discurso do Perigo

(18) “Um risco para todos”. (*Veja*, 2007)

(20) “Estão passando o pepino,”blog *Veja* 2012.

(21) “Em vez de jogar a batata quente no colo das universidades,”( blog *Veja*, 2012)

(22) “Muitos dos internautas consideram as cotas "combustível para a discriminação,” (*Veja*,2012)

(23) “Cotas vão produzir desastre na educação,” (*Veja* 2012)

(25) “Já se sabe o efeito das cotas sobre o ensino superior,” (*Veja*, 2012)

Esses enunciados são construções operadas através de várias redes de significações nas quais, o sujeito se inscreve para completar o seu dizer, embora pareçam

naturais, são, evidentemente, formulações inscritas em filiações históricas, que trafegam nas redes de sentido, até serem inscritas por um sujeito, em um enunciado, num momento histórico dado. Sendo assim, no enunciado em (18), “Um risco para todos” tem-se um sujeito, que, por meio de uma formação discursiva, a partir de uma posição de jornalista discutindo o sistema de cotas, formula um sentido no qual representa, ideologicamente, o sistema de cotas, como uma “bomba” ou um “vírus” prestes a destruir a sociedade.

No enunciado em (20) “Estão passando o pepino,” o discurso do perigo continua a perpetuar-se por meio de paráfrases das unidades discursivas, como em “pepino”. Um sentido que reatualiza o discurso da cozinha e que, discursivamente, produz um efeito de sentido de quente, algo preste a explodir, em outras palavras, um efeito de sentido concernente ao fato do pepino, quando cozido ou cozinhando ficar extremamente “quente”, sem que ninguém possa pegá-lo, em que a unidade pepino “significa” perigo, uma bomba preste a destruir com a sociedade.

Em suma, como o governo não consegue melhorar com a educação no país, acaba, por fim, de acordo com posição sujeito, incumbindo às universidades de fazê-la por meio das cotas, o que no discurso da posição sujeito jornalista é um sinal de perigo, pois coloca em risco a sociedade brasileira.

Já no enunciado em (21), “jogar a batata quente no colo das universidades”. É uma paráfrase do enunciado em (20), que segundo a posição sujeito jornalista, o governo brasileiro como fracassou com a melhora do ensino público jogou “batata quente”, o sistema de cotas nas instituições públicas de ensino superior.

No enunciado em (22) “Muitos dos internautas consideram as cotas” combustível para a discriminação,”. A posição sujeito jornalista não se responsabiliza pelo dizer, e argumenta que foram os internautas os produtores do enunciado. No entanto, o sentido de perigo, ainda trafega, por meio de paráfrases da unidade “combustível,” que, interdiscursivamente, significa “perigo”, que é o sistema de cotas para o Brasil.

Para finalizar, o enunciado em (23) “Cotas vão produzir desastre na educação, no qual a unidade “desastre” produz um efeito de “catástrofe” que vem para destruir tudo que há na frente, isto é, tudo que a sociedade produziu e construiu ao longo dos séculos. Desse modo, nesse enunciado o sistema de cotas é visto como destruidor da educação, já que vem para acabar com o mérito acadêmico, com a capacidade individual de cada indivíduo.

## 12. Considerações Finais

Para finalizar, o enunciado em (23) “Cotas vão produzir desastre na educação, no qual a unidade “desastre” produz um efeito de “catástrofe” que vem para destruir tudo que há na frente, isto é, tudo que a sociedade produziu e construiu ao longo dos séculos. Desse modo, nesse enunciado o sistema de cotas é visto como destruidor da educação, já

que vem para acabar com o mérito acadêmico, com a capacidade individual de cada indivíduo.

### 13. Referências

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**, São Paulo: Contexto, 2009.

DUBOIS, J. Lexicologia e Análise de enunciado. In: **Gestos de Leitura**. Org. Eni P. Orlandi. 3ª ed. Campinas-SP, UNICAMP, 2010.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: Os silêncios da memória. In: P. Achard et all. **Papel da memória**. Campinas-SP: Ponte, 1999. PP.59-71.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: Formulações e Circulações dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes 2008.

GOMES, NILMA L. Org. **Um olhar além das fronteiras educação e relações raciais**, Belo Horizonte; 2010.

MUNANGA, KABENGELE: **Negritude usos e sentidos, série princípio**. Ática, 1988, São Paulo.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Ed. 3ª Campinas-SP, Pontes, 1987.

PECHÊUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, 3ªed.Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discurso. Estrutura e acontecimento**. 3ª. Ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

RODRIGUES, M. L. Discurso e Silêncio: “14 de maio: o dia que ainda não terminou”. In: RODRIGUES, M. L. (orgs). **Discurso e Sentido: questões em torno da mídia, do ensino e da história**. São Carlos-SP: Claraluz Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. Poder, Discurso e Silêncio. In **AVE PALAVRA, Revista de Letras da UNEMAT**, ISSN: 1807-6130, no. 07, 2006, pp. 8-3.

\_\_\_\_\_. **Questão das Cotas: uma questão de identidade (afirmação ou negação)** 2008, no prelo.

\_\_\_\_\_ **Discurso, memória e poder na irrupção do debate sobre as cotas na mídia.**  
2008, no preto.

